

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Identificação

*Por Manuel José Pires dos Santos**

A identificação é um mecanismo psíquico bem conhecido, fazendo parte do vocabulário geral das pessoas. Quem já não ouviu expressões como “eu me identifico com isso” ou “me identifiquei muito com Fulano nessa situação”? São expressões que traduzem o essencial do conceito: reconhecer em si mesmo algo que pertence, ou pertenceu, a outro.

A necessidade do “outro” é reconhecida de longa data nas ciências humanas: “A união entre os homens é natural”, disse Aristóteles, “porque o homem é um ser naturalmente carente, que precisa do outro para alcançar a sua plenitude. O homem é um animal social”. A Psicanálise é uma das disciplinas que fundamentou cientificamente essa afirmativa do filósofo. Dentre os mecanismos psíquicos que promovem esse encontro essencial com o outro está a identificação, incorporada por Freud à psicanálise ainda em seu começo. Sendo um termo usado na linguagem comum e nas disciplinas humanísticas em geral, convém estabelecer seu significado na teoria psicanalítica.

Para o Vocabulário da Psicanálise, de Laplanche e Pontalis, a identificação é um processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se partir de uma série de identificações.

Freud foi o primeiro a perceber, descrever e ampliar a compreensão desse mecanismo psíquico. Ainda na fase pré-psicanalítica, em sua correspondência com Fliess (1896 e 1897), Freud indicou a ocorrência da identificação na agorafobia de algumas pacientes: “nessa situação, disse ele, “o desejo **reprimido** de entregar-se ao primeiro homem que apareça, leva a um sentimento de ciúmes das prostitutas e de **identificação** com elas”, o termo aqui significando o desejo de ser ou agir como as prostitutas.

A partir daí o conceito se estabelece no vocabulário psicanalítico: como componente de sintoma histérico (no famoso caso Dora, em que ela adquire – por **identificação** - um sintoma do pai, a tosse); como um mecanismo psíquico primitivo, nas fantasias de incorporação oral do objeto; no desenvolvimento do ego a partir da identificação com os pais e/ou seus substitutos; no funcionamento grupal, onde cada membro do grupo se identifica com os outros.

Na “Dissolução do Complexo de Édipo” (1925) Freud firma de forma definitiva a importância da identificação no desenvolvimento do indivíduo, como componente do processo maturacional normal: quando a criança percebe que seu investimento amoroso nos pais terá como consequência a castração (no menino) ou o reconhecimento da castração (na menina), a criança abre mão desse investimento amoroso trocando-o por uma **identificação** com os pais, dando origem a uma nova estrutura constitutiva de seu psiquismo: o superego. E, ainda mais, resolve seu Complexo de Édipo.

A evolução mais recente do conceito, no entanto, deu-se fora da tradição clássica freudiana, a partir da teoria kleiniana: Em “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides” Klein descreveu um tipo de fantasia sádica de ataque ao interior do corpo da mãe, com o objetivo de danificá-lo e controlá-lo de dentro. A essa fantasia primitiva deu o nome **identificação projetiva**. Descobriu-se assim que não havia apenas a assimilação do outro pelo sujeito, mas também a projeção, na fantasia, de aspectos do sujeito **no outro**. A identificação projetiva, a partir daí, ampliou a compreensão de diversos fenômenos clínicos e teóricos, como a importância da contratransferência, a função continente, a comunicação pré-verbal, o processo de simbolização e outros, incluindo a subjetividade do analista na relação com o paciente.

* Manuel José Pires dos Santos é psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.